

---

**O Mundo Vivido e a Impotência da Consciência**

---

Roy Panik

---

O mundo vivido é a nossa vida cotidiana. Trabalho, lazer, relações pessoais, locomoção, alimentação, sono e outras atividades diárias. Nós fazemos essas coisas sem pensar, na maioria das vezes. Muitos fazem reflexões sobre algumas dessas atividades. Os sociólogos do trabalho, os ergonômistas, os gerentes de produção, entre outros profissionais, fazem estudos, pesquisas, análises, sobre o trabalho, para ficar apenas em um exemplo. A produção cultural da humanidade sobre o trabalho (e sobre as demais atividades cotidianas) é enorme. O funcionamento da sociedade como um todo já foi objeto de dezenas de teorias, análises, reflexões. E, no entanto, estamos no mesmo lugar: no mundo vivido. Haverá, então, uma “impotência da consciência”?

A relação entre mundo vivido e consciência é difícil de ser compreendida. Vejamos. Estamos envolvidos no mundo vivido. Ele nos absorve. Temos que pagar as contas, ir ao trabalho, cuidar das crianças ou brincar, dependendo da idade. A reflexão é pouca, mas persiste. Alguns indivíduos podem refletir mais profundamente sobre isso, os intelectuais. Produzem ideias e teses, muitas vezes interessantes, algumas vezes verdadeiras. No entanto, isso pouco afeta o mundo. E isso vale até para o mundo vivido dos próprios intelectuais que conseguem ter uma visão mais ampla do universo que nos cerca, a teia de relações sociais que nos prende. A consciência pode até chegar a verdade. O problema é que a verdade não chega ao mundo vivido.

O mundo vivido é o mundo da reprodução. É acordar, comer, trabalhar, comer, trabalhar, descansar, dormir. E isso dia após dia, noite após noite. Nos fins de semana, nas férias, existem algumas diferenças e variações. A reprodução está na vida cotidiana, está no mundo vivido. Alguns pensam que a transformação está no vivido. Ledo engano, no mundo vivido está a reprodução.

A transformação está na consciência. Afinal, o que veio primeiro, um novo mundo vivido ou um sonho de outro mundo vivido? A *Utopia*, de Morus, veio depois de alguma experiência utópica ou foi o contrário? Os materialistas vulgares podem dizer: as revoluções ocorrem, depois são pensadas. Qual? A revolução russa, por exemplo. Examinemos brevemente esse acontecimento histórico. A revolução russa de fevereiro fez aparecer uma exigência de mudança e uma nova forma organizativa dos trabalhadores, os soviets. Havia alguma consciência do futuro ou do que deveria ocorrer, que o mundo vivido deveria ser transformado? Ou existiu apenas uma nova experiência dentro do mundo vivido já estabelecido e que abria a possibilidade de sua superação sem, contudo, haver uma consciência desse processo? Os soviets derrubaram o tzarismo, mas não mudaram o mundo vivido para além das fábricas e territórios. Deixaram intacto o mundo vivido: a cultura, o estado. Iniciaram uma revolução, começaram a mudar a vida cotidiana. Mas não terminaram, não foram além de certas mudanças. Um passo foi dado, mas faltou a consciência suficiente para dar o passo seguinte.

Materialistas vulgares de outro tipo afirmariam: isso ocorreu com a revolução de outubro. Lênin, o guia genial, trouxe consciência revolucionária e socialismo. A consciência emergiu na história e o partido bolchevique foi o seu guia e realizador. O Partido Comunista de Lênin não fez mais que reproduzir o mundo vivido. Trocou a burocracia tzarista pela burocracia bolchevique. Trocou parcialmente. Os soviets, a maior novidade e maior força transformadora do mundo vivido, foram combatidos e derrotados. Lênin disse que queria os homens atuais e não os homens do futuro. A consciência bolchevique era uma consciência do mundo vivido e que não o ultrapassava. Era inferior à consciência que os próprios trabalhadores desenvolveram. A revolução de outubro não foi um avanço e sim um retrocesso, não foi a vitória de uma consciência superior e sim de uma consciência inferior. O mundo vivido foi parcialmente atacado na Revolução de Fevereiro, cuja crise provocou mudanças, e retornou vitorioso com a Revolução de Outubro. Um início de consciência foi substituído por seu sufocamento.

A consciência revolucionária, aquela que prega, busca e planeja a transformação, foi derrotada na Rússia e em dezenas de outros lugares. A sua forma mais desenvolvida sempre esteve presa ao mundo vivido e submetido a ele, que a marginaliza, a deforma, a reduz a pó. O mundo vivido transforma a consciência em algo impotente. As pessoas podem até saber que o país está em crise, mas o que fazem? Poucos fazem algo e esse algo é apenas uma reprodução do mundo vivido, pois não tem projeto, não tem utopia. As pessoas podem até saber que o meio ambiente está sendo cotidianamente e crescentemente sendo destruído, mas o que fazem? Poucos fazem algo e da mesma forma não saem da reprodução do mundo vivido. Fazem pequenas alterações que não mudam nada. E a grande maioria ainda é convencida que estão “mudando o mundo”. Uma mudança que nada muda.

Os novíssimos materialistas vulgares recusam a consciência e sua função transformadora. Recrutados na juventude ávida por novidades e transformações, e composta também por oportunistas de vários tipos, pelos entusiastas da ação sem sentido e projeto ao sabor das ilusões do mundo vivido, os novíssimos materialistas vulgares representam a consciência limitada pelo mundo vivido e que faz o elogio do mundo vivido. No mundo vivido que se despedaça diante dos nossos olhos, eles são piores que os velhos materialistas vulgares. A vulgaridade dos novíssimos materialistas é apenas mais uma forma de reprodução do mundo vivido e em benefício daqueles que ganham com isso.

E assim encerramos nossas reflexões. Como assim? E a solução? O governo não pode fazer nada? Os partidos revolucionários não podem fazer revolução? O materialismo vulgar não pode ser superado? O mundo vivido é insuperável? Enquanto a consciência for impotente, sim, essa é a realidade. Os governos, os partidos, os materialistas vulgares são apenas reprodutores do mundo vivido. O mundo vivido só é superável se uma consciência revolucionária emergir e se tornar uma potência material. A consciência é impotente diante do mundo vivido porque ela é parte desse mundo e o reproduz. Somente a consciência revolucionária é que poderia ir além, no plano ideal, condição para ir além no plano material. Para ser força material, ela precisa se materializar em pessoas reais, de carne e osso.

Aqui nos encontramos diante do grande problema. Um problema que Marx e muitos marxistas ofereceram a resposta. A resposta marxista foi substituída pela leninista. A leninista foi enfraquecida e substituída pela espontaneísta. Essas são as três respostas existentes. A resposta de Marx é que o proletariado encarnaria a consciência revolucionária através da luta de classes. A resposta de Lênin era a de que o partido comunista encarnaria a consciência revolucionária. A resposta espontaneísta é a de que os trabalhadores encarnariam a missão revolucionária sob forma mística e sem necessidade de consciência revolucionária. Aparentemente, todos erraram. O proletariado encarnou, em alguns momentos históricos, tal consciência, mas sempre se deixou levar pela classe dominante ou pelo Partido Comunista. O partido encarnou uma consciência putschista e sempre se limitou a tomar o poder estatal e nunca transformar o mundo vivido. Os trabalhadores nunca encarnaram sob forma mística nenhuma missão revolucionária (se isso tivesse ocorrido, teríamos um exemplo de sociedade comunista realmente existente).

Será que a consciência revolucionária não encarna nos trabalhadores? Será que encarna na juventude? Encarna nos revolucionários? Encarna nas mulheres? Encarna nos mais empobrecidos? Os trabalhadores não estão encarnando nada. Os avanços da classe dominante contra os trabalhadores não geram reações. A juventude foi cooptada, inclusive a rebelde, pois sua rebeldia é uma reprodução do mundo vivido e não vai além dele. As mulheres, os “revolucionários” e os mais empobrecidos também, não ultrapassam o mundo vivido. E isto vale para o resto da sociedade. Ora, se é a consciência revolucionária o elemento transformador e superador do mundo vivido, então os intelectuais é que a encarnam. Isso é tão verdadeiro quanto dizer que o sol é quadrado. Os intelectuais estão presos no mundo vivido. Alguns saem dele no plano ideal, apenas em discurso e salas de aula, em momentos orgásticos quando falam do “comunismo”, mas na vida cotidiana, reproduzem o mundo vivido e em suas ideias também. O “comunismo” em suas bocas é apenas um discurso bonito para poder se apresentar como “avançado” e preocupado com as questões sociais. O dinheiro, expressão viva do mundo vivido, já tomou conta das mentes dos intelectuais, bem como de todos os outros.

A consciência revolucionária é, então, impotente? Ela não tem como se tornar força material? Ou, para problematizar ainda mais, existe uma consciência revolucionária? O mundo vivido é todo poderoso e a consciência revolucionária é impotente. Existe uma consciência revolucionária. O difícil é encontrá-la. Ela não está nas fábricas, nas ruas, nas escolas, não está encarnada em nenhuma classe ou grupo social. Ela está materializada em obras escritas, em acontecimentos históricos do passado. Mas é cotidianamente sufocada, tanto na mente dos indivíduos que tem acesso a ela, quanto na sociedade que reprime, pressiona, persegue, esconde, dificulta sua manifestação. Ela surgiu parcialmente e desapareceu novamente. Ela vive no subterrâneo das mentes e do mundo vivido.

É por isso que a consciência revolucionária, hoje, está nas obras escritas. Por exemplo, nas obras de Karl Marx e mais alguns poucos. Ela está como potencialidade nas classes trabalhadoras, especialmente no proletariado. Ela, em menor grau, está como potencialidade em setores da juventude e de forma ainda mais restrita em setores dos intelectuais. A potencialidade pode ser concretizar ou não. Marx estava certo sobre a potencialidade revolucionária do proletariado. Mas é potencialidade e não realidade. A realização dessa potencialidade pressupõe diversas condições. Para que a consciência revolucionária encarne não apenas as minorias revolucionárias, é preciso que algumas condições sejam satisfeitas:

- a) As minorias revolucionárias devem se organizar, abandonando a influência do individualismo, do espontaneísmo, do praticismo. Assim, as minorias revolucionárias devem fazer proliferar organizações revolucionárias, ações revolucionárias e consciência revolucionária. Elas não farão a revolução e nem serão a vanguarda dirigente (burocratismo leninista), mas serão portadoras da consciência revolucionária com a função de desenvolvê-la intelectualmente e realizar sua difusão no conjunto da sociedade;
- b) As minorias revolucionárias devem aglutinar setores de trabalhadores, jovens, intelectuais, num projeto revolucionário e autogestionário. Essas duas condições são complementares e reforçam a tendência da transformação do mundo vivido.

- c) As crises, contradições e dificuldades de reprodução do capitalismo e do mundo vivido como um todo (o que é sentido na pele e na vida diária dos indivíduos e mais ainda dos proletários) são fermentadores de fortalecimento da consciência revolucionária, das forças revolucionárias e do processo de criação de uma nova hegemonia na parte da sociedade que tem interesse mais urgente na transformação social.
- d) O proletariado deve sair de sua letargia e agir sob forma revolucionária. A retomada de suas criatividade e formas organizativas próprias, ultrapassando o reprodutivismo de partidos e sindicatos, e avanço da consciência revolucionária no espectro cada vez mais amplo dos trabalhadores, é uma necessidade. As três condições anteriores são fundamentais para que isso ocorra.

Assim, as condições A e B precisam ser efetivadas desde hoje, mesmo em condições de estabilidade e mesmo que seus resultados, sua força e alcance sejam limitados. Quanto mais forte e ampla for, maior é a possibilidade de explosões revolucionárias, mesmo que localizadas. Esse processo, quando se amplia as dificuldades de reprodução capitalista (crises e contradições) e mobilização proletária, já cria uma força revolucionária que pode se fundir com os trabalhadores e outros setores da sociedade a ponto de criar uma situação revolucionária. Essa, por sua vez, surgindo, cria a possibilidade da transformação total do mundo vivido.

Somente assim a consciência revolucionária poderá abandonar sua impotência, mas para tal ela deve ser realmente revolucionária, ou seja, deve ter sua finalidade como elemento fundamental e nunca abandonado. Ela pode vegetar marginalmente na sociedade capitalista, mas sua existência e fortalecimento são parte da luta e da formação de uma tendência para a constituição de uma nova sociedade e, uma vez que encarne no proletariado e seus aliados, torna-se força material e torna-se potência real. Não existe consciência revolucionária sem projeto revolucionário. E não existe revolução sem consciência revolucionária. Sem utopia, sem querer, sem projeto, nada muda, apenas se reproduz o mundo vivido. A impotência da consciência revolucionária só existe e reforça a consciência conservadora e reprodutivista, mesmo quando esta se

declara “revolucionária”, “comunista”, “socialista”, “marxista”, pois não é a autodefinição que diz o que as pessoas são e sim aquilo que elas fazem e como fazem, bem como para qual futuro apontam.